

BOOM BOOM BLACK - “O MOVIMENTO”: NARRATIVA E REPRESENTAÇÃO DAS FESTIVIDADES NEGRAS EM FORTALEZA/CE

Elizabeth da Silva Oliveira¹

RESUMO:

Neste estudo, empreendo uma análise das narrativas e representações que cercam o Baile Boom Boom Black, o produtor cultural e seus(as) frequentadores (as). O Boom Boom Black é um movimento de agenciamento negro de construção de espaço de lazer e sociabilidade para a população negra na cidade de Fortaleza. Paralelamente, analiso de perto os elementos de resistência e agência envolvidos na concepção e realização do baile. O propósito deste artigo é estimular uma reflexão crítica sobre as narrativas e representações que atravessam a construção da identidade negra na cidade de Fortaleza. Na pesquisa buscou-se responder às seguintes questões: Como as narrativas e representações em torno do Baile Boom Boom Black influenciam a construção da identidade cultural de seus(as) frequentadores(as)? Qual é o elo existente entre a ancestralidade negra e o baile black? Qual a importância do Boom Boom Black como espaço de agência e resistência negra em Fortaleza? A metodologia de pesquisa adotada é fundamentada na escrevivência (Evaristo, Conceição, 2007), etnografia e netnografia. A escrevivência inserida numa abordagem de pesquisa onde a narrativa sobre o objeto é influenciada pela primeira pessoa, num processo que retroage entre memória e escrita. Já a netnografia é um método de pesquisa de campo virtual, que se baseia na observação e análise de comunidades *online* para compreender a cultura, comportamento e interações dos participantes (Amaral, Adriana; Natal, Geórgia; Viana, Lucina. 2008). Na pesquisa, a netnografia foi empregada para captar informações e discussões que ocorrem no contexto virtual dos bailes, complementando a abordagem presencial. A integração dessas metodologias permitiu-me uma compreensão mais densas de como os(as) participantes(as), organizadores(as) e a comunidade negra em geral percebem os bailes e suas relações com a identidade negra. Por isso, julgo ser um estudo relevante pela necessidade de uma análise interna, reescrevendo as narrativas que são historicamente moldadas por uma perspectiva colonialista.

Palavras-chave: Boom Boom Black. Baile Black. Produção Cultural. Fortaleza.

¹ Discente do curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro - Brasileira (UNILAB)
Data de submissão e aprovação: 11/07/2024

ABSTRACT

In this study, I undertake an analysis of the narratives and representations surrounding the Boom Boom Black, the cultural producer and its attendees. The Boom Boom Black is a movement for the agencying black in creating spaces for leisure and sociability in Fortaleza/CE. Simultaneously, I closely examine the elements of resistance and agency involved in the conception and realization of the baile. The purpose of this article is to stimulate critical reflection on the narratives and representations cross black identity construction in Fortaleza. The research sought to answer the following questions: how do the narratives and representations surrounding the Baile Boom Boom Black influence the cultural identity construction of its attendees? What is the connection between black ancestry and the Boom Boom Black? What is the importance of Boom Boom Black as a space for black agency and resistance in Fortaleza? The research methodology adopted is grounded in "escrevivência" (Evaristo, Conceição, 2007), ethnography, and netnography. The "Escrevivência" is part of a research approach where the narrative about the subject is influenced by the first person, in a process that interweaves memory and writing. The Netnography is a method of virtual field research that relies on the observation and analysis of online communities to understand the culture, behavior, and interactions of participants (Amaral, Adriana; Natal, Geórgia; Viana, Lucina. 2008). In the research, netnography was employed to capture information and discussions occurring in the online context of the baile, complementing the in-person approach. The integration of these methodologies allowed for a deeper understanding of how participants, organizers, and the black community in general perceive the baile and their relationships with black identity. Therefore, I consider this study relevant due to the need for an internal analysis, rewriting narratives historically shaped by a colonialist perspective.

Keywords: Boom Boom Black. Baile Black. Cultural Production. Fortaleza.

1. INTRODUÇÃO

Antes de adentrar na temática proposta, é necessário frisar quem vos escreve, pois, quem escreve o faz a partir de um lugar com determinada finalidade. Assim sendo, penso que é imperioso apresentar a minha trajetória até aqui. Tenho 24 anos e um percurso de vida muito marcado pela educação social e atuação em coletivos de Fortaleza. Enquanto mulher negra e periférica de Fortaleza, sobrevivi às várias violências resultantes do confinamento social e econômico oriundos do processo escravagista, perpetrado pelo sistema colonial (Cardoso, 2017) para as populações negras em particular.

Por muito tempo a presença da identidade afrodescendente foi negada no Estado do Ceará. O Ceará foi e ainda é conhecido como um estado que não há pessoas negras, e isso é fortemente percebido nas perguntas que escutei ao longo de minha trajetória de vida e acadêmica: Você é daqui? Você nasceu aqui mesmo, sério!? Você é da Bahia? Parece baiana. E morando na cidade de Redenção/CE² perguntavam continuamente: qual sua nacionalidade? Você veio de onde? mesmo com meu sotaque cearense. Essas experiências possibilitaram-me perceber e compreender de forma crítica as problemáticas enfrentadas pelos(as) negros(as) espalhados pela capital e como o projeto urbanístico da cidade foi estruturado para manter afastadas essas populações não brancas e perpetuar as diferenças e/ou desigualdades. Segregando o centro e a periferia, o belo e o feio, brancos e negros, patrões e criados, assim é a cidade de Fortaleza: Intrigante.

Duas faces da mesma moeda, um retrato dualista da mesma cidade que escancara a racialidade dos espaços sociais marcados pela presença de pessoas com determinados traços fenotípicos: como a cor dos olhos, o tom de pele, tipo de cabelo, características faciais e físicas que legitimam poderes e privilégios. A cidade de Fortaleza fundada em 1726 (Farias; Bruno, 2011), teve como habitantes da sua orla e centro, inicialmente, pessoas negras e do interior que trabalhavam nos portos e nas atividades pesqueiras. Mas esse cenário muda rapidamente com a ascensão da burguesia branca que a partir do processo de gentrificação, retira todo esse contingente de pessoas (a maioria negra) e as envia para as margens da cidade, que mais tarde darão origem aos bairros como: Pirambu, Moura Brasil, Poço da Draga, Grande Bom Jardim, Carlito Pamplona, Grande Mondubim, Pantanal, Jacarecanga, Jangurussu, dentre outros bairros.

²Redenção é uma cidade que fica no interior do Estado do Ceará e é dividida em áreas rural e urbana. Como qualquer outra cidade do Estado do Ceará, seus residentes exprimem que no Ceará não há racismo, mas o reproduzem cotidianamente com práticas discriminatórias. Após a chegada da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), bem como os diversos estudantes oriundos de países africanos falantes de língua portuguesa em Redenção, os estudantes negros que nasceram no Ceará são confundidos com estudantes africanos e experiência o mesmo racismo e xenofobia.

Assim, com a população negra segregada, distante do centro de Fortaleza, dá-se também o controle da movimentação e ocupação sociocultural da cidade, a partir da exequibilidade dos códigos de conduta. Para contornar esses impedimentos legais as populações negras criaram/criam para si estratégias para se imporem e, acima de tudo, continuarem a afirmarem a sua existência. Uma das várias estratégias adotadas são as festividades negras. As festividades negras são o ponto de reencontro dos negros, ainda no período escravagista, eles também tiveram como finalidade a sociabilização, meio de retorno e contato com as suas ancestralidades, o que continua a ser observado na contemporaneidade, entre outros agrupamentos, com a nomenclatura de Baile Black.

Os Bailes Black's da cidade de Fortaleza - CE têm sido um dos espaços de manifestação das mais variadas estéticas, gestualidades e músicas negras. A corporeidade, os ritmos, as roupas, os penteados, as tranças e os acessórios utilizados demarcam a ancestralidade da população negra, carregam valores histórico-culturais de povos afro-brasileiros. São o conjunto de festas feitas por e para negros(as) com o objetivo de criar espaços próprios de sociabilização e lazer, num movimento de agenciamento, empoderamento, resistência e reafirmação da identidade negra.

Optei por analisar um (1) baile de Fortaleza: Boom Boom Black. A ideia é compreender os objetivos que estão na base para a criação do mesmo, como o produtor e frequentadores(as) observam e pensam sobre o que está sendo produzido, sobre a significância e representação do Baile. O baile e os discursos sobre e de quem produz/frequenta dão forma a esta pesquisa.

Se reconhecer como africano na diáspora é também criar formas de enaltecer e perpetuar uma identidade que continua sofrendo tentativas históricas de apagamento e violências. A identidade negra está fortemente presente dentro dos bairros periféricos e o Baile Black é uma das ações voltadas para unir pessoas negras destes diferentes territórios, seja para sociabilidade ou 'curtição'.

Para dialogar com a discussão de bailes black's em Fortaleza recorro as obras "Catirina, minha Nêga, Tão Querendo te Vendê... escravidão, tráfico e negócios no Ceará do século XIX (1850 – 1881)" do historiador José Hilário Ferreira Sobrinho e "Festas de negros em Fortaleza: territórios, sociabilidades e reelaborações (1871-1900) do Janote Pires Marques para expandir as ideias que trago sobre resistências negras, produção de festas e organizações negras no Ceará, dando sustentação a existência de produção de festividades negras ainda dentro das casas grandes e ruas de Fortaleza no século XIX.

Quando entrei para curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades na

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) pude iniciar uma pesquisa exploratória em formato de projeto de pesquisa expandido para a construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre os bailes black's de Fortaleza, o que me possibilitou a conhecer outros bailes de Fortaleza. A princípio usei como metodologia a etnografia e a observação participante, compreendendo que “a etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (Angrosino, 2009, p.30). Para a construção deste trabalho parto do que o autor Charles Wright Mills conceitua como ‘artesanaria intelectual’, destacando a importância de utilizar as experiências individuais de vida no trabalho acadêmico-intelectual

Neste sentido, o artesanato é o centro de você mesmo, e você está pessoalmente envolvido em cada produto intelectual em que possa trabalhar. Dizer que você pode “ter experiência” significa, por exemplo, que seu passado influencia e afeta o presente, e que ele define sua capacidade de experiência futura.(Mills, 2009, p.22)

Assim, a partir do lugar do eu, enquanto mulher negra, periférica e produtora de bailes black's em Fortaleza, somando as minhas experiências e memórias estabeleço bases para construir e dar corpo a escrita deste trabalho, sendo um sujeito que escreve a partir de e sobre. Respeitando os limites (distanciamento) entre o que se pesquisa e a pesquisadora para que se mantenha a qualidade intelectual do que é pesquisado, pois esse afastamento permite o aprofundamento das reflexões e análises do que é escrito. Para auxiliar o conceito de artesanaria intelectual utiliza-se também o conceito de escrevivência da intelectual e professora negra Conceição Evaristo (2020) que reflete sobre a relevância de escrever o vivido e se ver no vivido escrito, a partir da toda uma experiência de vida de pessoas negras e, especificamente, de mulheres.

Era um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “escrevivência” [...] Na verdade, quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a escrevivência, não, a escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. Mas ele é muito fundamentado nessa autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita [...] (Conceição Evaristo *in* Itaú Social, 2020)

A interlocução entre experiência de vida e a escrita é importante para que se permita visualizar quem escreve e como escreve. Partir do lugar de mulher negra, produtora e frequentadora de bailes possibilita um registro mais sólido sobre o assunto discutido, pois a pesquisadora não está isenta das suas experiências/concepções de vida quando estuda ou descreve determinado fenômeno. Deste modo, é necessário associar o conceito de

“Afrografia” de Leda Martins (1997) ao conceito de escrevivência porque ambos se complementam, uma vez que afrografar é um processo de remissão da memória corporal ou sonora que tem como finalidade evidenciar de forma escrita ou performática as experiências negras/africanas, um chamamento a tomada de consciência sobre nós enquanto corpos carregados de memórias e saberes.

A netnografia (Kozinets, 2014), enquanto uma metodologia de pesquisa de trabalho de campo, que se baseia na observação e análise de comunidades online para compreender a cultura, comportamento e interações dos participantes, foi utilizada como base para captar diversas informações e discussões que não ocorrem no campo presencial do Boom Boom Black. As redes sociais Facebook e Instagram são os espaços virtuais onde o produtor cultural e frequentadores(as) interagem e compartilham informações. Como a ética e privacidade dos participantes é um fator importante na condução do trabalho de campo, foram estabelecidas algumas regras como resguardar a identidade de perfis privados e utilizar, prioritariamente, postagens e interações de perfis públicos.

Este artigo compõe-se em três seções. Seção 2 - *Viva a Capital do Ceará, Viva a Cidade da Luz*: a seção discute Fortaleza, capital do Ceará, destacando suas características geográficas e, sobretudo, socioeconômicas. A distribuição desigual de riqueza e oportunidades em Fortaleza evidencia uma clara divisão racial e social. Bairros nobres, majoritariamente habitados por pessoas brancas, concentram a maior parte da riqueza e dos recursos, enquanto as periferias, onde reside principalmente a população negra, enfrentam condições de vida mais precárias e menor acesso a serviços públicos. Assim, a estruturação urbana de Fortaleza reflete e perpetua uma segregação geográfica e social baseada em raça e renda, destacando a necessidade de políticas públicas que promovam maior equidade e inclusão na cidade. O seção também discute a série de incidentes de violência policial e discriminação racial que culminaram na mobilização dos movimentos negros em Fortaleza. Antes dos bailes black's de 2018, o sociólogo Rômulo Silva foi vítima de revista humilhante e insultos racistas por parte da guarda municipal, refletindo um padrão de abuso contra jovens negros na região. Esse episódio, compartilhado nas redes sociais com a hashtag #naFortalezaRacista, desencadeou uma onda de denúncias contra o racismo institucionalizado em diversas esferas governamentais. O Terminal do Siqueira se tornou um símbolo das divisões sociais e econômicas de Fortaleza, onde a presença policial era desproporcionalmente intensa em comparação com outros terminais, evidenciando um controle coercitivo sobre comunidades marginalizadas. Em resposta à discriminação, surgiram coletivos negros e iniciativas culturais que promovem a representatividade e o

empoderamento da comunidade negra. Esses movimentos vêm desempenhando um papel de extrema importância na conscientização das questões enfrentadas pela comunidade negra e na construção de redes de apoio e solidariedade, proporcionando espaços indispensáveis para a celebração da identidade negra e a resistência cultural. Seção 3 – *Festas na Cidade de Fortaleza*: a seção aborda a gênese do termo “*Baile Black*”, originado nos movimentos de direitos civis afro-americanos nos anos 60, durante o auge da segregação racial nos Estados Unidos. No contexto brasileiro, sobretudo em São Paulo e Rio de Janeiro, os Bailes Black surgiram como resposta à exclusão racial em espaços de entretenimento mais formais. Marcio Macedo (2007) descreve como esses eventos se desenvolveram em garagens, quintais e nos jantares dançantes, possibilitando uma alternativa e culturalmente rica aos jovens negros. A trajetória dessas festas revela não apenas uma resistência cultural, mas também a construção de identidades contemporâneas negras, especialmente através da música, como o samba, funk e a black music. O sociólogo Márcio Macedo destaca a importância desses espaços como locais de sociabilidade e autonomia, contrastando com as políticas históricas de exclusão e segregação urbana. No contexto cearense, Janote Pires Marques (2008) observa as festas negras desde o período colonial, destacando como foram proibidas e marginalizadas através de códigos de postura que visavam reprimir as reuniões e celebrações negras. Apesar dessas restrições, as festas negras continuaram a crescer como locais de resistência e afirmação cultural, tanto nos quilombos históricos quanto nos centros urbanos. O subseção 3.1 - *Boom Boom Black - O Baile mais Black de Fortaleza*: Descreve propriamente o Boom Boom Black e conta parte da sua história, um evento idealizado por Vicente Wagner em Fortaleza, iniciado em 2018. O baile teve sua primeira edição em novembro e atraiu um número considerável de participantes. O ambiente inicial foi descrito como intimista, com DJs tocando músicas populares enquanto os frequentadores dançavam e socializavam. O Boom Boom Black foi um sucesso inicial, destacando-se como um espaço importante para celebração da identidade negra e da cultura afro-brasileira em Fortaleza. O evento proporciona entretenimento e também promove a união e o enaltecimento da cultura negra. Subseção 3.2 - *Produção e Agência em Fortaleza*: Narra o Boom Boom Black como um espaço fundamental de celebração e valorização da cultura negra em Fortaleza. O baile black promove a escuta de músicas de origem africana/diaspórica e também se destaca pela expressão visual e estética de seus participantes. O Boom Boom Black impulsiona a economia local, especialmente empreendimentos comerciais de negros e negras em Fortaleza. Antes dos bailes, há uma demanda expressiva por salões de beleza afro para renovar penteados, refletindo a importância simbólica do cabelo como um símbolo de resistência e identidade negra. Seção 4

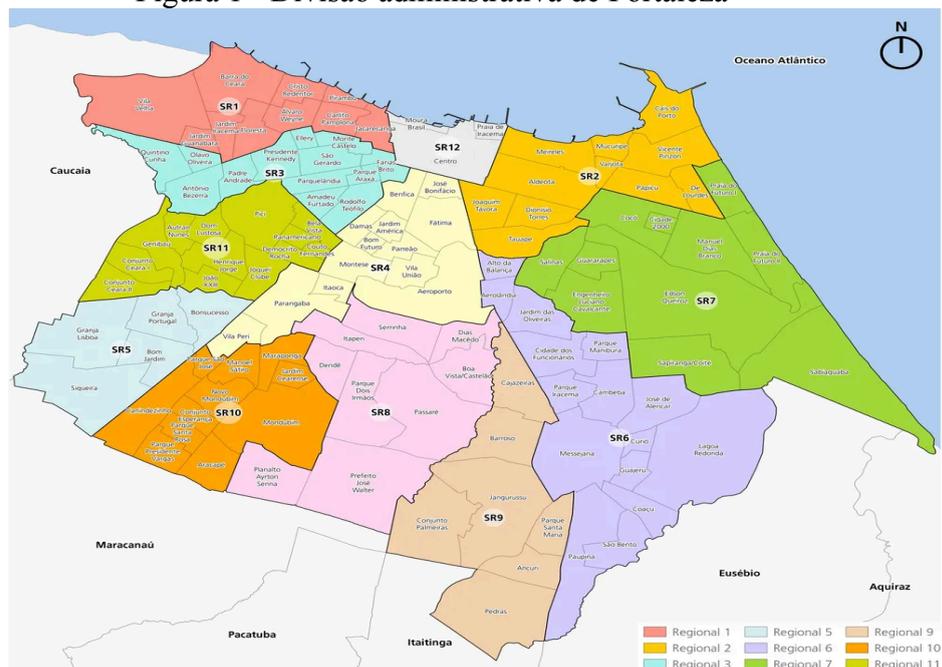
- *Presença Branca*: a seção aborda a questão da presença de pessoas brancas nos bailes voltados para a comunidade negra em Fortaleza, focando particularmente no Boom Boom Black. A discussão gira em torno de como eventos que celebram a afrocentricidade, promovem o amor e convívio entre negros e negras enfrentam o desafio de lidar com a presença de não-negros. Fortaleza é descrita como um ambiente onde as redes sociais e os ciclos de amizade entre pessoas negras e brancas se entrelaçam desde a infância até o ambiente laboral. Esse contexto influencia diretamente a dinâmica dos bailes, onde a inclusão de pessoas brancas, algumas vezes são motivadas por essas conexões históricas e pessoais, além de fatores como visibilidade e rentabilidade dos eventos. A seção também levanta preocupações éticas e culturais. A história dos bailes negros está relacionada a luta e a resistência contra a opressão sistêmica, e a participação de pessoas brancas, pode, de certa maneira, diluir o significado e a importância dessas manifestações culturais. Existe o risco de que esses espaços sejam cooptados como meros objetos de entretenimento ou modismos passageiros, enquanto as comunidades negras continuam enfrentando estigmas e discriminação em espaços dominados por pessoas brancas. Nas páginas finais apresento as conclusões que emergem dessa análise, seguidas das referências que embasaram o trabalho.

2. VIVA A CAPITAL DO CEARÁ, VIVA A CIDADE DA LUZ

A capital do Estado do Ceará, Fortaleza, foi fundada em 13 de Abril de 1726 (Farias; Bruno, 2011). A cidade de Fortaleza, é conhecida pelas suas praias, clima tropical, sua gastronomia, cultura e também pelas suas desigualdades socioeconômicas. Com uma dimensão territorial de aproximadamente trezentos e doze quilômetros quadrados (312,353 km²) e uma população estimada em 2.428.708 milhões de pessoas (IBGE, 2022) o que a torna a mais populosa do Ceará. É também a cidade mais rica do nordeste com uma arrecadação em torno de 65.160.893 milhões de reais e a oitava (8ª) mais rica no ranking das capitais do país no que concerne ao produto interno bruto (IBGE/IPECE, 2020)

Fortaleza é composta por cento e vinte e um (121) bairros distribuídos em regionais. O mapa abaixo (Figura 1) traz a cartografia de Fortaleza, capital do Ceará. Fortaleza foi dividida em doze Secretarias Regionais (SR) “a fim de melhorar as demandas dos serviços públicos da capital cearense” (IPECE, 2018). As regionais em Fortaleza são nomeadas como: SR 1, SR 2, SR 3, SR 4, SR 5, SR 6, SR 7, SR 8, SR 9, SR 10, SR 11, SR 12. Dessa divisão tem: os bairros nobres e os bairros periféricos.

Figura 1 - Divisão administrativa de Fortaleza



Fonte: Prefeitura de Fortaleza, 2021

Os bairros nobres estão em grandes áreas urbanizadas perto da praia, marcados por prédios e/ou grandes casas bem construídas, com saneamento básico, diversos hospitais públicos e privados, diversas escolas públicas e privadas, com espaços de cultura e lazer, com mobilidade urbana eficiente. É o conjunto de bairros como Aldeota, Dionísio Torres, Mucuripe, Guararapes, Cocó, Praia de Iracema, Varjota, Fátima e Joaquim Távora, Benfica, Damas, Centro e Rodolfo Teófilo. Aparecem também na lista de bairros com melhores índices de Renda, Educação e Longevidade (Prefeitura de Fortaleza, 2010)

[...] é uma cidade sólida, toda de pedra e ferro [...] iluminada, asfaltada, onde os caixotes do lixo regurgitam de sobras [...] Os pés do colono nunca estão à mostra, salvo talvez no mar, mas nunca ninguém está bastante próximo deles. Pés protegidos por calçados fortes, enquanto que as ruas de sua cidade são limpas, lisas, sem buracos [...] é uma cidade saciada [...] A cidade do colono é uma cidade de brancos, de estrangeiros (Fanon, 1979, p. 29)

A citação de Fanon (1979) embora esteja a falar de um contexto específico de Argélia década de 1950, se aplica também ao contexto de Fortaleza, pois é nos bairros nobres da cidade onde residem a maioria da população branca da cidade o que resulta no rápido desenvolvimento da região e na maior circulação de capital, bem como, a presença efetiva do poder público. Essa concentração de riqueza e população branca nas zonas nobres da cidade teve o seu início, como afirmam os historiadores Artur Bruno e Airton de Farias (2011) no século XIX e tem como base o comércio do algodão e de outros produtos, a centralização

política da monarquia brasileira, a construção e melhorias de estradas, ferrovias e o aumento fluxo migratório rural-urbano, com destaque no período das secas (1877-79). O que nos leva a ponderar que a estratificação da cidade foi um empreendimento previamente arquitetado para ser como é, pois os bairros periféricos, em grande parte, estão distantes das praias, dos espaços de lazer e cultura da cidade, com saneamento básico ineficiente, com número reduzido de instituições de saúde e educação, mobilidade urbana conturbada e elevado índice de violência.

A periferia de Fortaleza é composto por bairros como Conjunto Palmeiras, Parque Presidente Vargas, Canindezinho, Genibaú, Siqueira, Praia do Futuro II, Alto da Balança, Mata Galinha, Planalto Ayrton Senna, Granja Lisboa, Bom Jardim, Jangurussu, Serrinha, Itaperi, Conjunto Ceará, Vila Peri e Aeroporto. Bairros com piores índices de desenvolvimento humano (Diário do Nordeste, 2021)

[...] é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. Aí se nasce não importa onde, não importa como. Morre-se não importa onde, não importa de quê. É um mundo sem intervalos, onde os homens estão uns sobre os outros, as casas uma sobre as outras. [...] é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. [...] é uma cidade acorada, uma cidade ajoelhada, uma cidade acuada (Fanon, 1979, p. 29).

A citação acima se adequa muito bem naquilo que é a realidade dos bairros periféricos de Fortaleza. Pelo seu índice baixo de desenvolvimento humano e renda per capita dos moradores, as periferias são marcadas por uma população majoritariamente constituídas por pretos e pardos (negros), é um lugar onde a ausência (omissão) do Estado é constatada em diversos âmbitos, com poucos empregos e uma menor circulação e concentração de capital.

A separação entre área nobre e periferia, estampa a racialidade da cidade: negros nas periferias e brancos em áreas nobres. A subdivisão das regionais reforçam a separação espacial entre negros e brancos o que pode ser encarado como confinamento geográfico e social: Riqueza e cor estão intrinsecamente conectados. Onde reside a maioria branca há uma maior concentração de riqueza e onde residem a maioria negra há uma menor concentração de riqueza. (Prefeitura de Fortaleza, 2012)

2.1 #NAFORTALEZARACISTA

Antes do início dos bailes black's em junho de 2018, o professor sociólogo Rômulo Silva, que estava a caminho do Centro Cultural do Grande Bom Jardim, foi abordado pela guarda municipal no Terminal de ônibus do Siqueira. Ele foi submetido a uma revista minuciosa e sujeitado a uma série de violências e insultos discriminatórios. Este incidente não

foi um caso isolado de violência policial com motivações racistas. Durante os anos de 2017 e 2018, houve inúmeras denúncias de jovens negros sofrendo revistas humilhantes, agressões físicas, insultos e até mesmo sendo levados ao que era conhecido como o “quartinho da tortura” ou “salinha da tortura”.

Figura 2 - Ato contra a salinha da tortura



Fonte: Facebook, 2017.

A imagem acima é de uma postagem no Facebook sobre o ato sarau contra as agressões e perseguições as jovens periféricos no terminal do Siqueira, que foi impulsionado pelo caso de dois jovens negros artistas que foram levados para a “salinha da tortura”. Contudo, houveram outros casos no ano de 2017 e 2018, sendo o último o caso relatado do Rômulo. O relato do professor foi compartilhado em uma postagem no Facebook, rapidamente ganhando destaque através de sua rede de contatos e associações sociais e políticas. O resultado se deu na criação da hashtag *#naFortalezaRacista*, que desencadeou uma onda de denúncias sobre casos de racismo e violência. As denúncias expuseram as diversas instituições governamentais que perpetuam sistemas coloniais de subjugação dos negros e enaltecem os brancos - incluindo bancos, universidades, órgãos públicos e as várias forças policiais (municipal, civil e militar).

O Terminal do Siqueira assume um papel indispensável na reflexão sobre as linhas divisórias e fronteiriças da cidade. Localizado entre as grandes periferias - como Vila Peri, Siqueira, Grande Bom Jardim, Manuel Sátiro, Conjunto Esperança, Presidente Vargas, Jatobá, entre outros bairros - estes bairros estão associados a índices alarmantes de pobreza, educação precária e violência (Diário do Nordeste, 2021). Curiosamente, os policiais militares não realizavam patrulhas em outros terminais de ônibus da cidade. Era evidente a necessidade de

demonstrar poder e controle naquela região e perante aqueles que ali residiam. É interessante observar como as instituições, como a polícia, por exemplo, é direcionada a partir da Secretaria de Segurança Pública do Estado (SSP/CE) a exercer sua autoridade e como isso reflete e perpetua as desigualdades existentes. O fato de a ter uma presença policial mais expressiva nessa área em comparação com outros terminais de ônibus ressalta a maneira como certas comunidades são estigmatizadas e sujeitas a um controle intenso. Enquanto isso, as condições socioeconômicas precárias enfrentadas pelos moradores dos bairros vizinhos ao Terminal do Siqueira destacam a necessidade de políticas e programas que abordem as raízes da pobreza e da marginalização.

Parafraseando a escritora Carolina Maria de Jesus na Obra “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada” (1960), a periferia (favela) é o local onde é jogado tudo que não é necessário e lá deve permanecer, logo a precariedade das habitações, a falta de saneamento básico, a violência policial e a ausência de oportunidades de crescimento econômico fazem parte das realidades cotidianas que perpetuam o ciclo de miséria e exclusão social. A falta de políticas públicas na periferia e a negligência do Estado em fornecer condições básicas de moradia, saúde, educação e trabalho é uma questão central para pensar as periferias e lugar do negro em Fortaleza.

Coincidentemente ou não, após os relatos na *#nafortalezaracista*, diversos coletivos como Raízes da Periferia, Coletivo Natora, Negragem, Canindezinho Roots, Cuca Roots, entre outros potencializam suas ações e, ainda, surgiu uma produção cultural negra focado em criar ainda mais espaço de acolhimento, sociabilidade e movimentação política de e para pessoas negras. Os movimentos de agenciamento negro são essenciais para promover a representatividade e a expressão cultural da comunidade negra na cidade de Fortaleza. Eles desempenham um papel imprescindível na celebração da identidade negra³, na promoção da conscientização sobre questões enfrentadas pela comunidade e na construção de redes de apoio e solidariedade.

3. FESTAS NA CIDADE FORTALEZA

Baile Black, termo cunhado pelos movimentos de direitos civis afro-americanos nos anos 60, adeptos ao movimento Black Power e ao Black Music (blues, soul, jazz), designam festas específicas para pessoas negras. Surgem no auge da segregação racial nos Estados

³ Ou seja, esses espaços e iniciativas são fundamentais para impulsionar e engrandecer a narrativa e o empoderamento da comunidade negra.

Unidos da América. Mas devemos levar em conta que os povos africanos (*Apartheid*, África do Sul) experienciaram a segregação racial seja ela enquanto lei ou política de estado, isto é, desde antes, durante e após o período colonial em todos os lugares. Depois dos Estados Unidos da América, o modelo dessas festas foram reproduzidos e ressignificados, posteriormente, em outros lugares das Américas. Em São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo, foram somados a outros aspectos identitários e geopolíticos - que acabaram ganhando força em outros estados brasileiros.

Márcio Macedo (2007) em *Baladas Black e Rodas de Samba da Terra da Garoa* explica que as festas de negros já aconteciam em São Paulo e Rio de Janeiro, em garagens, quintais e nos chamados jantares dançantes, impulsionados pelos preços muito alto dos ingressos e pela proibição de negros frequentarem determinados espaços.

Em meados dos 1990, os bailes negros passaram a ser chamados de bailes black. [...] o uso do termo para denominar suas festas foi estimulado quando, em meados dos anos 1990, os meios de comunicação começaram a fazer uma associação entre bailes funk do Rio de Janeiro, violência e narcotráfico. Também se pensava num vínculo entre o funk e os “arrastões” ocorridos nas praias cariocas no decorrer daquela década” (Macedo, 2007, p. 9)

A citação acima, evidencia que as festas de negros que ocorriam em São Paulo e Rio de Janeiro foram renomeadas como Bailes Black devido as conexões que os meios de comunicação e o imaginário social branco faziam entre as festas e as atividades ilícitas que aconteciam nas cidades. As festas para pessoas já aconteciam em vários cantos das cidades mas é “no início do século XXI, vê-se que tanto o samba como a música negra internacional tocada nos bailes black, se prestam à construção de uma identidade negra contemporânea entre jovens da cidade de São Paulo” (Macedo, 2007, p.19)

O surgimento dos bailes nos centros de São Paulo e Rio de Janeiro, é consequência do aglomerado das juventudes negras que estavam ali tanto para trabalhar ou mesmo para praticar a sociabilidade. Ou,

“os negros, e em especial a juventude pobre, continuam a ocupar o centro seja para trabalhar, consumir ou se socializar nos momentos de lazer. Isso evidencia que essa região faz parte do circuito black da cidade, ou seja, uma série de locais espalhados pela metrópole que oferecem opções de lazer e socialização geralmente vinculadas à música, dança, festas religiosas e ao consumo específico do grupo. São bailes, clubes noturnos, escolas de samba, salões de cabeleireiros, lojas de discos, botecos, pontos de encontro, igrejas etc. O surgimento desse circuito é fruto da experiência da comunidade negra na cidade desde o século XIX e da sua relação com os espaços urbanos, mediada por problemas raciais e de integração social.” (Macedo, 2007, p. 191)

Nesse trecho, o sociólogo Márcio Macêdo, pesquisador de Black's e rodas de sambas no Estado de São Paulo conta sobre a criação de variados espaços de socialização pelas

comunidades negras no centro da cidade desde o século XIX e mesmo com o processo de favelização e gentrificação dos centros urbanos estes espaços ainda resistem. Na mesma linha de pensamento, Janote Pires Marques (2008) discorre sobre as festas negras no período abolicionista e a reurbanização da cidade de Fortaleza nas últimas décadas do século XIX, como uma estratégia de afastar a população negra e suas manifestações culturais para áreas não urbanizadas e marginalizadas:

“Permeando a todas essas questões, estava o contexto de reurbanização pela qual passava Fortaleza nas últimas décadas do século XIX. Abertura de avenidas, alinhamento de ruas, construção de prédios públicos foram obras projetadas e coordenadas pelo engenheiro Adolfo Herbster, no decorrer das décadas de 1870 e 1880. Certamente eram mudanças necessárias para uma capital que crescia, mas, pouco interessantes aos munícipes mais humildes que habitavam a região do centro, à medida que foram obrigados a deixar suas casas e ir para regiões periféricas, ou então se concentrarem em pontos próximos ao centro, mas sem receberem benefícios da reforma urbana.” (Marques, 2008, p.15)

Ainda, na senda do século XIX os quilombos no Ceará, enquanto espaço de solidariedade, troca de afetos, memória e reconexão com os hábitos e costumes ancestrais, tem o seu marco ainda nas casas grandes quando os negros escravizados, livres e libertos criavam espaços de festas e encontros, mostrando resistência aos Códigos de Conduta e Postura instituídos em Fortaleza (1835) e Sobral (1867).

“O Código de Postura da Câmara Municipal da cidade de Fortaleza”:

“Art.1, nº 34 - todos os que tiverem casa publica de Negocio não consentirão n'elas de suas portas para dentro pessoas captivas sentadas a jogarem, ou paradas por mais tempo do que necessário para faserem as compras a que vão, sob pena de serem multados os donos das casas em dous mil reis para as despesas do conselho, ou quadro dias de prisão; e na reincidência o duplo” (Sobrinho, 2011, p.79)

“artº.21 do Código de Postura de Sobral”:

“ficam prohibidos os batuques ou samba dentro da cidade e povoação de seu municipio. O dono da casa em que elles tiberem lugar será multado em quatro mil réis ou quatro dias de prisão; ficando porém relevado de multa aquelle que apresentar licença de policia” (Sobrinho, 2011, p.86)

Os Códigos de Conduta e Postura instituídos no Ceará trazidos por José Hilário Ferreira Sobrinho (2011) foram maneiras encontradas, pelos então fomentadores da escravização, de impedir que os negros formassem reuniões e, assim organizações, já que pairava no imaginário branco as iminentes rebeliões negras e grandes fugas. As festas negras continham cantigas que avisavam os negros dos perigos do tráfico interprovincial e serviam com um tipo de alerta que se espalhava rapidamente. Na tentativa de negar espaços, protagonismos e ainda tornar uma cultura deplorável é que aparecem códigos de posturas que

legalizam a perseguição e inferiorização do negro. Sendo assim torná - se explícito que os Quilombos surgem da necessidade de os negros escravizados se encontrarem, trocar afetos, confraternizarem e refugiarem das perseguições dos caçadores de recompensas depois de terem fugido das condições que os aprisionavam (quilombo enquanto fortaleza) e de driblarem esses códigos que vão se observar em vários contextos de formas distintas - liberdade.

“A conquista dos espaços da festa, do batuque e do samba não representava apenas uma atitude transgressora da ordem estabelecida. Esses espaços frequentados por aqueles vistos como alvo dos traficantes - escravos, libertados e livres - tornavam-se lugares de sociabilidade e autonomia, onde se estabelecia o contato tão negado e proibido pelos códigos de postura.”
(Sobrinho, 2011, p.86)

Importante frisar que as festas negras surgiram ainda no período colonial em Fortaleza, com diversos intuitos e simbolismos como as festas de coroação de reis e rainhas das irmandades negras, sambas, maracatus, etc. nos dias de hoje, com seus inúmeros frequentadores e temáticas diversas festas negras ainda hoje são apontadas e proibidas, muitos dos Bailes Black's de rua em Fortaleza tiveram que passar a ser em locais fechados, isto porque eram encerrados pela violência policial.

3.1 BOOM BOOM BLACK - O BAILE MAIS BLACK DE FORTAL

Idealizado e produzido em 2018 na cidade de Fortaleza, o Boom Boom Black é um baile black (festa negra) organizado por Vicente Wagner com o apoio de amigos. Vicente é Tecnólogo em Marketing, Fotógrafo, Filmmaker, morador do bairro Parque Santa Rosa/Siqueira e produtor cultural. O Boom Boom Black teve sua primeira edição em novembro de 2018 como parceria em um bar localizado na Vila Pery - Parangaba. Como era a primeira edição, teve um número considerável de pessoas. Noite intimista, os DJs tocavam os set preparados com músicas que estavam em voga naquele momento e os frequentadores dançavam e conversavam. Essa edição foi uma apresentação daquilo que estava por se transformar o Boom Boom Black.

Figura 2: Print da página do @boom_boomblack



Fonte: Boom Boom Black, 2018

O Boom Boom Black tem como objetivo construir e incentivar a criação de mais espaços para pessoas negras, enaltecendo o povo, a cultura negra presente em Fortaleza e, consequentemente, de reunir a população negra em espaços realmente pretos, onde as pessoas negras possam confraternizar e socializar com outras pessoas negras: “A Boom Boom Black nasceu com essa inquietação, de ter um lugar de preto, um lugar nosso, onde quem toque seja preto, onde a música seja de preta, onde a dança seja de preto e o público também seja preto. Realmente um Quilombo” (Vicente Wagner, 2019 *in* Instagram).

Vicente perspectiva a criação de lugar feito por e para pessoas negras, o que culmina com as sucessivas edições que materializarão tal intenção. No dia 10 de julho de “Tardes Quentes” - no Mukambu de Cultura. Localizado no Benfica, o Mukambu de Cultura, conhecido como Quilombo Urbano por quem frequentava, era um espaço que recebia diversas ações culturais, como: as diversas festas negras, capoeira, ensaios de maracatus, espetáculos bumba-meu-boi, atividades formativas, entre outras movimentações em arte e cultura, mas teve que fechar as portas por não ter condições financeiras de manter.

Figura 3: Print da página do @boom_boomblack



Fonte: Boom Boom Black, 2022

Os ingressos estavam a ser vendidos no valor de 15 reais e tinha como atrações os DJs Flaubeck⁴, Khamidi⁵ e Lolost⁶. Neste dia, cheguei cedo no espaço da festa. Já havia um grande número de pessoas, algumas sentadas do lado de fora tirando fotos ou esperando amigos chegarem e outras pessoas já lá dentro dançando e bebendo. O salão era espaçoso, com paredes grafitadas que ilustravam pessoas negras e a cultura negra/africana, na entrada havia banheiro masculino e feminino e ao fundo cômodo que era utilizado como cozinha ou espaço para venda de bebidas e comidas. Para adentrar a festa era necessário mostrar o bilhete na portaria ou comprar na hora, em seguida recebia uma pulseira cor laranja com o nome do 'baile'. Dentro era possível ver a movimentação de pessoas que estavam dando suporte na

⁴ Flauber Ferreira é Filmmaker, Fotógrafo, Designer, Produtor e DJ seletor. Participante do Coletivo “Radiola Sound System”, como designer e DJ desde de Março de 2016. Atua dentro dos bairros periféricos e foi contemplado por editais e chamadas públicas como: Praça das Artes 2016, Viradão da Juventude Cuca Mondubim e Barra 2016, VI Ação Jovem com o projeto Conexão Sound 2017, Semana É de Boa no Centro Cultural Bom Jardim 2018 e Maloca Dragão 2018.

⁵ Andy Monroy ou Khamidi é cabo-verdiano, mas reside em Fortaleza há 17 anos. É músico multi-instrumentista e vem atuando nas noites de Fortaleza desde a sua chegada, em 2007, com projetos autorais e covers. Em 2016, Andy decidiu seguir pelo caminho da discotecagem. Sentindo a necessidade de projetos voltados para a música africana, o DJ apresentou como proposta o “Ecos da diáspora”, buscando difundir ritmos africanos e da afro-diáspora, ampliando seu set com kuduro, batuku, zouk, funaná, afrobeat, hip hop, afro-sambas, reggae e entre outros estilos musicais.

⁶ Lorena Fernandes está na cena musical desde 2016 como Produtora e DJ dos bailes Numalaje e Festa Crioula. Já Passou pelo Festival Elos, Festival For Rainbow, Parada pela diversidade de Fortaleza 2022, 2023, 10º Encontro de Mulheres Estudantes da União Nacional dos Estudantes (UNE) em Juiz de fora - Minas Gerais, Kizombar no 59º CONUNE - Brasília - DF, Festival Afrocearensidades no Dragão do Mar, Festival Negruras e Aniversário de 24 do Dragão do Mar Centro de Arte e Cultura.

organização. Para obter bebida ou comida era obrigatório pagar a comanda e depois solicitar o pedido. Na cozinha do espaço cultural estavam sendo entregues as cervejas, água com/sem gás, refrigerantes, caipirinhas e pratinhos.

O som não estava muito alto, o que tornava possível conversar (sem gritar) com outras pessoas, mas logo foi anoitecendo e o espaço lotou. O público estava misturado e nesta edição havia um número considerável de pessoas brancas, homens e mulheres, e estudantes africanos da Unilab, em sua grande maioria homens. Em certo momento da festa, as pessoas começaram a sair do espaço para beber ou conversar do lado de fora, então o salão esvaziou. Neste momento os DJs começaram a tocar as músicas de passinhos (Movimentos de dança sincronizados), bem conhecidas na Boom Boom Black, e algumas pessoas foram voltando e chamando umas às outras, o que levou novamente a lotação do salão.

No meio da festa tiveram algumas apresentações artísticas do Big Leo, Mateus Fazenorock e a Cia de Dança Anonymous, o que mudou o teor do baile para um espetáculo, onde as pessoas ficaram assistindo as apresentações. Após a apresentação, os DJs voltaram a tocar, mas a característica inicial do baile não voltou. A festa novamente foi esvaziando até terminar. Algumas pessoas foram embora no mesmo momento, outras ficaram do lado de fora conversando em grupos enquanto a organização limpava o espaço.

Figura 6: Print da página do @boom_boomblack



Fonte: Boom Boom Black, 2023

A imagem acima, retirada das redes sociais, é um anúncio da última edição realizada no ano de 2023 na Estação das Artes, alusivo às comemorações do mês da Consciência Negra. Acompanhado ao anúncio da Boom Boom Black, fez saber que estavam celebrando também

os cinco (5) anos de existência, de luta e persistência para criar festas que celebram a cultura negra da cidade de Fortaleza.

Há 5 anos atrás, a cena preta de Fortaleza/CE tinha uma reviravolta, um passo, mudava. Em sua primeira edição, nascia um sonho, um desejo, talvez utopia, ou "reintegração de posse"...

Tendo em vista a maneira que pessoas brancas e não negras se apropriaram e usurpavam da nossa cultura, e na maioria das vezes sem a nossa participação. Nos inquietamos e fomos fazer algo nosso e para os nossos, o povo preto. A história está aí, fora das redes sociais, no contra fluxo e fora do hype. Nos bairros negros da grande Fortaleza. Aqui a nossa resistência acontece. Com mais de 10 edições em bairros negros de nossa cidade, (isso fora shows e participações). Muitas vezes sem apoio nem patrocínio, porém com aquele sonho e desejo, seguimos vivos.

A Boom Boom Black foi, é, e segue sendo um manifesto de luta, em nossa cidade. Nesses 5 anos celebramos a nossa reexistência, não foi fácil chegar até aqui, e talvez não seja daqui por diante, mas enquanto tivermos vocês, que acreditam e entendem a Boom além de um baile, festa... Que entendem o real motivo iniciado lá em 2018, a gente vai seguir vivo nessa caminhada, e na luta! (Vicente Wagner, 2023. in instagram)

A partir desse manifesto, Vicente Wagner reafirma a mudança que o cenário cultural da cidade vivenciou com o surgimento da Boom Boom Black e denuncia como pessoas brancas e não negras se apropriavam da cultura negra sem o consentimento e a participação de pessoas negras. Evidencia a falta de políticas de incentivo ou mesmo patrocínios para a realização dos bailes e a preferência de realizar os bailes em bairros pretos da cidade de Fortaleza. Foram longos cinco (5) anos de muitas festas, muitos sorrisos e de muita prática de sociabilidade que marcam os inúmeros obstáculos para a continuação das festas.

3.2 PRODUÇÃO E AGÊNCIA EM FORTALEZA

Enquanto espaço de acolhimento, de reafirmação e valorização do ser e do fazer negro, o baile black estimula a escuta de músicas e de artistas negros(as), sejam do continente africano ou da diáspora, tocando axé, toques de terreiros, marrabenta, semba, funana, kuduro, kizomba, funk, rap, reggae, soul, e pop.

Além das músicas, outra coisa que prendia a minha atenção era a maneira com que as pessoas se arrumavam: utilizam das mais variadas tranças e cortes de cabelos e/ou turbantes; argolas, brincos com estampas, pulseiras, braceletes, colares; e vestiam trajés feitos com panos africanos ou com estampas africanas desde vestidos, saias, bermudas e camisetas

O Boom Boom Black impulsiona o aumento da movimentação nos empreendimentos comerciais de negros e negras de Fortaleza. Há uma grande procura de lojas afros ou étnicas e por salões de beleza nas vésperas dos bailes para dar uma renovada no cabelo, pois este será um dos grandes símbolos da resistência e dos povos pretos.

O cabelo do negro, visto como 'ruim', é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como 'ruim' e do branco como 'bom' expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste (Gomes, 2020, p.29).

A colonização por via do racismo dilacerou a humanidade do negro, deslocou psicológica e mentalmente para um não lugar, a sua estética foi tida como não bela, o seu nariz, a sua cor, os seus lábios e os seus cabelos como ruins. O racismo fragmentou a estética e a autoestima dos negros. E um dos papéis dos bailes é enaltecer, reafirmar e valorizar as nossas estéticas, os nossos cabelos (tranças), os nossos traços fisiológicos e principalmente a nossa cor. Provendo a autoaceitação, o autoamor e a economia dos diferentes estabelecimentos que se dedicam na confecção e venda de produtos africanos.

Assim, salões de beleza afro (trancista e barbeiros) são dispositivos de fortalecimento da autoestima negra e de resistência perante a inferiorização da beleza e das tradições de herança africanas engendradas pela branquitude. Ana Gonçalves (2023) em sua dissertação sobre a “Atuação de Trancistas na Cidade de Fortaleza: Um estudo antropológico em Ambiente virtual sobre instagram, transição capilar e processos de descolonização destes salões de beleza” destaca que com a chegada do europeu (colonizador) ao Brasil assiste - se uma destruição sistemática dos padrões estéticos pré-estabelecido e a imposição de novos padrões onde o ser branco é a ideia central: “O branco foi associado ao belo, puro e civilizado. O negro ao feio, sujo e animalesco.” (Gonçalves, 2023, p.19). Na contramão desta concepção colonial sobre o belo e o feio, os salões afro, as lojas de roupas e acessórios têm potencializado as novas narrativas sobre a beleza negra e os bailes têm sido o espaço de manifestação dessas belezas.

O Boom Boom Black na cidade de Fortaleza é uma continuação das festas de negros que ocorriam no período colonial, dando sempre ênfase à questão negra, consolidando - se como um espaço de afeto, solidariedade, sociabilidade, confraternização, resistência e agenciamento. Onde negros de diversas partes da cidade se encontram para celebrar a ancestralidade e toda a história negra.

São inúmeros Bailes Black's na cidade de Fortaleza, uns mais conhecidos que outros, cada um com gêneros musicais e temáticas específicas que vão desde o Reggae, Kuduro, Funk, Afrobeats, Kizomba, Pagode, Afro house, Swingueira, Pop, Trap, Forro de Favela e Samba. Outros vão mais além, como o baile Boom Boom Black, utilizando - se de cantos e batuques reverenciando os orixás, caboclos e nkisi¹, axé, palco aberto para voz e violão ou sarau. A utilização de diferentes estilos/gêneros musicais é motivado pela busca do toque

certo, o toque que faz o corpo dançar: ritmo.

[...] incitando o ouvinte a preencher o tempo vazio com a marcação corporal palmas, meneios, balanços, dança. É o corpo que também falta no apelo da síncopa. Sua força magnética, compulsiva mesmo, vem do impulso (provocado pelo vazio rítmico) de se completar a ausência do tempo com a dinâmica do movimento no espaço (Sodré, 1998, p.11).

Muniz Sodré (1998) fala acerca do poder do ritmo (Síncopa), sobre o corpo, aliás, como o ritmo pode levar o corpo a se movimentar numa comparação entre o Jazz norte americano e o Samba, mas que as mesmas batidas ritmicas são encontradas nos diferentes estilos feitos por negros e o efeito compulsivo que causam aos ouvintes, levando o corpo a querer produzir movimentos. Movimentos corpóreos que podem ser observados nos variados passinhos e danças dos bailes black's e estão diretamente ligados às batidas da música (som) reproduzidas naquele momento.

O planejamento, a construção e execução dos bailes, tendem a tornar - se estratégicos e simbólicos na medida que visam valorizar os traços, que o projeto de branqueamento e o racismo apontaram/apontam como ruins e feios: cabelo, formato do nariz, cor da pele, o tipo de corpo, cultura e demais traços que nos remetem para a população negra. A autora Nilma Lino Gomes (2020) em seu livro “Sem perder a raiz: corpo e cabelo com símbolos da identidade negra” onde compreende o salão de beleza como espaço de aquilombamento, por ser um lugar de cuidados, resistência e agência negra conta que:

Visto desse ângulo, ‘nosso’ corpo e seus atributos constituem o suporte e a sede material de qualquer processo de construção de identidade. Através das relações “raciais” no Brasil como em outras partes do mundo marcadas pelas práticas racistas, aos negros foi atribuída uma identidade corporal inferior que eles introjetaram, e os brancos se autointitularam uma identidade corporal superior. Ora, para liberta-se dessa inferiorização, é preciso reverter a imagem negativa do corpo negro, através de um processo de desconstrução da imagem anterior e reconstrução de uma nova imagem positiva. Ou seja, construir novos cânones da beleza e da estética que dão positividade às características corporais do negro (Gomes, 2020, p.23-24. prefácio).

A educadora refletiu sobre como o processo de colonização estigmatizou a identidade corporal negra, sendo esta reduzida a inferior quando comparada a identidade corporal do branco. Pessoas negras foram condicionadas a olharem para os seus corpos e demais traços estéticos como feios. Para sair dessa prisão psicológica, pessoas pretas têm criado mecanismos de combate ao racismo e reafirmação/valorização das diversas corporeidades negras. Nesse movimento entre corpo e o meio inserido estão os bailes blacks.

Os bailes negros possibilitam que as corporeidades sejam expressadas por intermédio das músicas que instigam a dança, nesse compasso podem ser observados movimentos de

danças sincronizadas como os passinhos⁷ e a dança da família⁸. A par dessas, é comum também o reggae da Jamaica e do Maranhão; a Tarraxinha, o semba e a Kizomba de Angola, a Funana de Cabo Verde e a Marrabenta de Moçambique. Em algumas edições do Boom Boom Black foi possível presenciar aulas de reggae e kizomba. Os(as) frequentadores (as) vêm de todas as partes da cidade e do interior do estado. Além das pessoas oriundas dos bairros periféricos ou não de Fortaleza, nas últimas edições dos bailes têm se observado a presença de africanos continentais, tanto vindo de Redenção e Acarape como residentes em Fortaleza. Os bailes recebem uma pluralidade de pessoas de gênero, de sexo e de orientação sexual. Não existe um padrão estético para adentrar nos bailes.

4. PRESENÇA BRANCA

A presença de pessoas brancas em festas feitas por e para pessoas negras é um gargalo para os idealizadores e produtores de bailes em Fortaleza, no Boom Boom Black não é diferente. Mas como uma festa que vende a afrocentricidade, o amor e convívio entre negros e negras passa a aceitar brancos? A resposta a essa questão pode ou não estar atrelada às redes e ciclos de amizades/relacionamentos que os mesmos fazem parte, o que faz com que sejam cobrados nesse sentido. A cidade de Fortaleza, por se tratar de uma cidade cosmopolita e heterogênea, é um espaço onde as diferenças sociais e econômicas convergem com o cotidiano dos residentes. É na cidade onde quase todos os caminhos se encontram e as redes de contatos entre pessoas negras e branca estão interligadas, pois existe todo um histórico de partilha dos espaços que podem ir desde o jardim de infância, fase escolar (ensino fundamental, médio e universitário) e ambiente laboral.

É importante reforçar também a contribuição dos fatores externos, como a busca de visibilidade (*hype*) e a rentabilidade dos bailes, que impactam na continuação e na expansão dos bailes. Por causa do afastamento que as pessoas negras sofreram com processo segregacional da cidade, é notável a tímida adesão de negros(as) aos bailes o que impacta direta ou indiretamente na arrecadação financeira para o custeio das despesas, na sua visibilidade e conseqüentemente na manutenção e continuação das festas. Assim, como as pessoas brancas, na maioria dos casos, detêm o poder econômico, o privilégio, a rede de contatos e parcerias que podem ou não ditar o rumo que determinado projeto terá, parte de uma necessidade e estratégia aceitar que brancos(as) dentro de espaços que visam o

⁷ O passinho é um estilo de dança originária das favelas cariocas (Rio de Janeiro) que consiste numa jogada de movimentos de pés e corpo em simultâneo.

⁸ A dança família é originária de Angola, consiste numa combinação repetida de movimentos que estimulam a confraternização entre os frequentadores.

enaltecimento, a reafirmação e valorização negra. Por outro lado, isso dá - se porque pessoas negras foram ensinadas a dependerem e serem gratas eternamente pelo colonizador, o que dificulta a autonomia dos bailes do Boom Boom Black em específico.

É de urgência importância reconhecer que a história por trás das festas negras é eminentemente enraizada na luta e na resistência das comunidades negras contra a opressão sistêmica. Os Bailes surgiram como expressões culturais de resistência e afirmação da identidade negra em contextos de marginalização e discriminação. Portanto, quando pessoas brancas ocupam esses espaços, há um risco de diluir o significado e a importância dessas manifestações culturais, transformando-as em meros objetos de entretenimento ou modismos passageiros. Enquanto indivíduos brancos podem se sentir livres para explorar e desfrutar desses espaços sem medo de discriminação ou violência, as comunidades negras ainda enfrentam estigmas e preconceitos quando buscam acesso a espaços dominados por pessoas brancas. Isso evidencia uma disparidade de poder e oportunidades que persiste em nossa sociedade, reforçando as estruturas de desigualdade racial.

O racismo⁹ persegue o negro, seja onde ele estiver. Se assenta numa ideia de poder por intermédio da inferiorização do outro. Por causa do processo colonial, pessoas brancas tendem a reproduzir racismo de forma consciente ou inconsciente até mesmo quando estão em espaços majoritariamente compostos por pessoas negras. E pessoas negras tendem a identificar de imediato tais reproduções.

Portanto, a presença de pessoas brancas no Boom Boom Black deve ser examinada com sensibilidade e consciência histórica. Enquanto a inclusão e a diversidade são importantes, é essencial garantir que isso não ocorra à custa da apropriação cultural¹⁰ ou da marginalização das comunidades negras.

⁹ O racismo deve ser compreendido dentro de um contexto mais amplo que envolve estruturas histórico sociais, culturais e econômicas. Ele é alimentado por relações de poder e exploração que permeiam a sociedade, refletindo desigualdades históricas e sistemáticas. Alguns autores importantes para a discussão sobre racismo: Franz Fanon (2008), Neusa Santos Souza (2021), Silvio Almeida (2019), Abdias Nascimento (2016)

¹⁰“Devemos tratar a apropriação cultural como uma das mais usuais estratégias do racismo e da colonização. Numa sociedade de consumo, onde tudo é visto como produto, alguns traços e componentes culturais para serem aceitos precisam passar por um processo de depuração. Ao apagar elementos ou características que podem ser rejeitados, reiteram-se práticas de dominação que contribuem para a invisibilidade de grupos minoritários, como negros e indígenas. Quando se apropriam de alguns componentes específicos das tradições de matriz africana, por exemplo, acentuam-se de maneira subliminar visões negativas ou estereotipadas.(William, 2019, p.45) Segundo Rodney William (2019), a apropriação não deve ser analisada de forma individualizada ou descolada de uma estrutura social e um sistema de dominação que respaldou a colonização e a escravização de povos africanos e estabeleceu formas de exploração baseadas em lucro, posse cultural e intelectual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa, foi realizada uma análise do baile Boom Boom Black com espaço de representação e construção de narrativas da identidade e cultura negra na cidade de Fortaleza. Isto é, conclui-se que o baile black é uma festa feita por e para negros com a finalidade de confraternização, prazer e socialização entre negros e negras.

A pesquisa demonstrou ainda que, as festas negras surgiram no período colonial em Fortaleza, com diversos intuitos e simbolismos como os eventos de coroação de reis e rainhas das irmandades negras, sambas, maracatus, etc. e que a nomenclatura Bailes Black's, foi um termo cunhado pelos movimentos de direitos civis afro-americanos nos anos 60 para designarem festas específicas para pessoas negras. E que esse mesmo termo passa a ser utilizado no Brasil por causa da associação, feita pelos meios de comunicação, entre as festas de negros que ocorriam em São Paulo e Rio de Janeiro e a violência e o narcotráfico (Macedo, 2007).

A partir da pesquisa de campo e da análise das redes sociais, foi constatado que o Boom Boom Black é planejado e construído por um grupo de pessoas negras, desde idealizador, Djs e fotógrafos oriundos das periferias de Fortaleza. E que esse formato surge da necessidade de criar espaços seguros de resistência, espaços para reavivar ou reconstruir uma cultura que foi apagada, para estabelecer a sociabilidade negra, para que a juventude negra pudesse confraternizar, reafirmar e celebrar a identidade negra.

O Boom Boom Black é considerado um quilombo periférico pelos seus produtores e frequentadores, a partir do sentido memorial e ancestral de resistência das comunidades negras, mesmo em território periférico. Pois quilombo é todo espaço em que há negros, senso de comunidade e o estímulo de traços culturais ancestrais como corporeidade, musicalidade, religiosidade, etc. (Nascimento, 1989).

O quilombo representa a capacidade de resistência e agenciamento da população negra, que se unem por um objetivo comum. Quilombo é um espaço simbólico da corporeidade, do movimento e sua potencialidade ganha ainda mais força no encontro com outros corpos que pulsam.

Foi constatado também que o planejamento, a construção e execução do baile, é estratégico e simbólico na medida que visa valorizar os traços que remetem para a população negra com cabelo, formato do nariz, cor da pele, o tipo de corpo, e a cultura. Anteriormente apontados como feios ou ruins pelo branco-colonizador/colonialista num processo de estigmatização da identidade corporal negra o que resultou no auto - ódio de seus corpos e

demais traços estéticos. Os bailes são ferramentas libertadoras das amarras coloniais a partir do combate ao racismo e reafirmação/valorização das diversas corporeidades negras.

Concomitantemente, foi possível observar que o baile busca atender públicos variados, mas sempre levando em conta a pessoa negra. Este recebe uma pluralidade de pessoas negras, diferentes em gênero, sexo e orientação sexual. Não existe um padrão estético para adentrar o Boom Boom Black. É um espaço de acolhimento, de reafirmação e valorização do ser e do fazer negro.

O Boom Boom Black estimula o consumo de músicas e de artistas negros(as), sejam do continente africano ou da diáspora, de estilos como axé, toques de terreiros, swingueira, forró de favela, pagode, marrabenta, semba, funana, kuduro, kizomba, funk, rap, reggae, soul, e pop. Além das músicas, estimulam, igualmente, a utilização de tranças e cortes de cabelos e/ou turbantes; argolas, brincos com estampas, pulseiras, braceletes, colares; e trajas feitos com panos africanos ou com estampas africanas, impulsionando assim o aumento da movimentação dos empreendimentos sociais de negros e negras de Fortaleza, pois há uma grande procura de lojas afros ou étnicas e por salões de beleza em vésperas dos bailes para dar uma renovada no cabelo, pois este será um dos grandes símbolos da resistência e dos povos negros. Assim, os salões de beleza afro (trancista e barbeiros) são dispositivos de fortalecimento da autoestima negra e de resistência perante a inferiorização da estética.

O baile, acima de tudo, celebra nossa identidade cultural-estética, fortalece nosso orgulho e autoconfiança, promovendo a valorização de nossos cabelos, traços e cor. Assim como, contribui para a nossa auto-aceitação e auto-amor e de maneira igual, o nosso crescimento econômico dos negócios que compartilham e promovem nossa beleza e diversidade.

7. REFERÊNCIAS

Almeida, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. **Netnografia como aporte metodológico na pesquisa em comunicação digital**. Porto Alegre: Revista FAMECOS, n. 20, dez. 2008.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BRUNO, Artur. Fortaleza: uma breve história / Artur Bruno, Airton de Farias. - Fortaleza. INESP, 2011. 220p. Disponível em:

<https://inesp.al.ce.gov.br/index.php/tecnico-cientifico/historia-memoria-biografia/file/106-fortaleza---uma-breve-historia?tmpl=component&start=20>

CARRIL, L. de F. B. (2005). **Quilombo, território e geografia**. *Agrária (São Paulo. Online)*, (3), 156-171.

Geografia do crime: áreas de Fortaleza com piores IDHs concentram maior número de homicídios em 2020.

Diário do Nordeste. Disponível em:

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/seguranca/geografia-do-crime-areas-de-fortaleza-com-piores-idhs-concentram-maior-numero-de-homicidios-em-2020-1.3057840>.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 200p. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes: (o legado da “raça branca”)**. 1º reimpressão. São Paulo: Globo, 2013.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e Quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. São Paulo: Ed. Claro Enigma, 2015

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: Corpo e Cabelo como símbolos de identidade negra**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GONÇALVES, Ana Beatriz Juvêncio. Atuação de transgêneros na cidade de Fortaleza: um estudo antropológico em ambiente virtual sobre instagram, transição capilar e processos de descolonização. Dissertação, Mestrado Acadêmico em Antropologia, Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia (UNILAB/UFC), Redenção, 2023. 125 f

HOLANDA (org.), Cristina Rodrigues. **Negros no Ceará: História, memória e etnicidade**. Fortaleza: Museu do Ceará: Secult. Imopec, 2009.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo – diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

Kozinets, Robert V. Netnografia [recurso eletrônico] : realizando pesquisa etnográfica online / Robert V. Kozinets ; tradução: Daniel Bueno ; revisão técnica: Tatiana Melani Tosi, Raúl Ranauro Javales Júnior. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Penso, 2014.

LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade**. Rio de Janeiro: *Anuário Antropológico*, 2004.

MACEDO, Márcio. Baladas black e rodas de samba da terra da garoa. Jovens na Metrópole: etnografias dos circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo, Editora Terceiro Nome (2007): 189-224.

MARQUES, Janote Pires. **Festas de negros em Fortaleza: territórios, sociabilidades e reelaborações (1871-1900)** / Janote Pires Marques; Franck Pierre Gilbert Ribard (orientador). 2008.

MARTINS, Leda. **Afrografias da memória: o reinado do Rosário do Jatobá**. 2.ed. Belo Horizonte: Mazza Edições; São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

MATTOS, Clg. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. *Etnografia e educação: conceitos e usos* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo: Documentos de uma militância pan-africanista/Abdias Nascimento**; com prefácio de Kabengele Munanga; e texto de Elisa Larkin Nascimento e Valdecir Nascimento. - 3.ed.rev. - São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 3 ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

ÔRÍ. Direção de Raquel Gerber. Brasil: Angra Filmes, 1989. vídeo.

PREFEITURA DE FORTALEZA. **Pesquisa sobre o Índice de desenvolvimento humano por bairro de Fortaleza, com categorias IDH Educação, longevidade, renda e classificação de cada bairro**. Disponível em: <http://www.anuarioodoceara.com.br/indice-bairros-fortaleza/> Acesso em: 17 de agosto de 2019

PREFEITURA DE FORTALEZA. **Pesquisa sobre o planejamento participativo por uma Fortaleza de oportunidades, mais justa, bem cuidada e acolhedora**. Disponível em: https://fortaleza2040.fortaleza.ce.gov.br/site/assets/files/publications/fortaleza2040_planejamento_participativo_17-08-2015.pdf/ Acesso em: 30 de novembro de 2021

PREFEITURA DE FORTALEZA. Disponível em: https://fortaleza2040.fortaleza.ce.gov.br/site/assets/files/publications/fortaleza2040_revista-padroes-de-urbanizacao_05-01-2016.pdf Acesso em: 14 de janeiro de 2022

RATTS, Alex. **Traços étnicos: espacialidades e culturas negras e indígenas**. Fortaleza: Museu do Ceará: Secult, 2009.

12 regionais de Fortaleza, confira a nova divisão da capital cearense. G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/01/06/12-regionais-de-fortaleza-confira-a-nova-divisao-da-capital-cearense.ghtml>. Acesso: 03 de Dezembro de 2023

RIOS, Ariadne Maria Ribeiro Oliveira. **Ser negra e negro em Fortaleza/Ceará: uma análise interdisciplinar sobre desigualdade sociorracial e sociobiodiversidade**. Dissertação, Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2019. 162 f

SANSONE, Lívio. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil**/ Lívio Sansone; tradução: Vera Ribeiro. Salvador: EDUFBA, Pallas, 2007.

SILVA, Alessandra. **O pensamento de Beatriz Nascimento: análise da longa-metragem ôrí (1989)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2022. 125 f

SOBRINHO, José Hilário Ferreira. **Catirina, Minha nêga, tão querendo te vendê: escravidão, tráfico e negócios no Ceará do Século XIX (1850-1881)**. Fortaleza: SECULT/CE, 2011.

SODRÉ, Muniz. **Samba. O dono do corpo**. 2.ed-Rio de Janeiro: Mauad, 1998

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação cultural**. São Paulo : Pólen, 2019. 208 p.

WRIGTH-MILLS, C.1980. **“Do artesanato intelectual”**. In *A Imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar: 211-243.